

**V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)**

GENERO, TRABALHO, DESENVOLVIMENTO E EQUIDADE

**DESENVOLVIMENTO E EQUIDADE DE GENERO ? EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO
DE GERAÇÃO E RENDA PARA MULHERES EM BRAGANÇA-PA**

Ana Patrícia Reis da Silva- Doutoranda do Programa
de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia. UFPA

Maria Cristina Maneschy- Professora do Programa
de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia-UFPA

RESUMO: Analisa-se a experiência da Rede de Mulheres Caeteuaras , uma organização social e econômica na Vila do Treme, município de Bragança, nordeste paraense. O trabalho feminino no setor informal em países em desenvolvimento é alvo de programas de combate à pobreza. Em que medida tal via gera emancipação das mulheres e avanços locais na equidade de gênero/ Se elas assumem desproporcionalmente os cuidados com as pessoas, como conciliam produção e reprodução/ Por outro lado, o grupo é parte de uma Reserva Extrativista, com pressões específicas de conservação ambiental. A metodologia do estudo é qualitativa, com entrevistas semi-diretivas para captar a visão das envolvidas. Inclui observação participante sobre o processamento de caranguejos, uma base da economia local. Os relatos indicam ações de “patrões” visando desmobilizar o grupo apontando o fracasso na geração da renda.

Palavras-Chave: gênero-economia-equidade-desenvolvimento-resex

ABSTRACT: The experience of the Caeteuaras Women's Network, a social and economic organization in Vila do Treme, municipality of Bragança, northeastern Pará, is analyzed. Female work in the informal sector in developing countries is targeted by anti-poverty programs. To what extent does this path generate women's emancipation and local advances in gender equity / If they disproportionately take care of people, as they reconcile production and reproduction / On the other hand, is the group part of an Extractive Reserve, with specific pressures of environmental Conservation. The study methodology is qualitative, with semi-directive interviews to capture the views of those involved. Includes participant observation on crab processing, a base of the local economy. The reports indicate actions by "bosses" to demobilize the group pointing to the failure in income generation.

Palavras-Chave: gênero-economia-equidade-desenvolvimento-resex.

Introdução

Este artigo objetiva estudar as relações de gênero, analisando lutas e conquistas de mulheres a partir de uma experiência local de organização social e econômica. Trata do Projeto **Mulheres Pescando Autonomia**, que faz parte do que hoje se configura como **Rede de Mulheres Caeteuaras**, situada na Vila do Treme, comunidade de Bragança-Pará, no nordeste paraense.

O trabalho exercido por mulheres no setor informal tem recebido pouca atenção nos estudos e pesquisas acadêmicos, mesmo que seja significativo e crescente o nos países de Terceiro Mundo. Em que medida essa via tem possibilitado a emancipação das mulheres e avanços na equidade de gênero em suas sociedades?

Os estudos sobre mulheres e trabalho na perspectiva de gênero (em particular Helena Hirata e Uma Narayan) levantam a necessidade de se observar em que medida fomentar o trabalho associativo para atuação no mercado informal implica em sobrecarga de trabalho, uma vez que elas continuam assumir desproporcionalmente o trabalho dos cuidados, dentro e fora do lar. O trabalho associativo informal de mulheres não é a panacéia que programas institucionais de combate à pobreza podem supor. Assim, colocam-se as questões de: conciliação entre ambas as esferas, bem como de delegação das atividades de cuidado quando o trabalho ou a atividade associativa requerem mais tempo de dedicação. Por outro lado, trata-se neste estudo de uma Reserva Extrativista, unidade territorial que tem como propósito conciliar economia e conservação ambiental, o que levanta pressões específicas sobre o trabalho e sobre a posição social das mulheres.

A definição de cuidado dada pelo Colóquio internacional “Teorias e Práticas do Cuidado”, realizado em Paris, 2013 diz que: “ O cuidado não é apenas uma atitude de atenção, é um trabalho que abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Assim , é defino como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem”. Para a Socióloga Danièle Kergoat, socióloga do trabalho e do gênero, é preciso pensar na complexidade do cuidado e nas relações sociais em que ele se insere, para isto uma ferramenta importante seria a consubstancialidade. Ou seja, pensar conjuntamente as diferentes formas da divisão do trabalho e as divisões dentro de uma mesma classe. De acordo com Jules Falquet , em seu artigo “Transformações Neoliberais do Trabalho das mulheres: Liberação ou novas formas de apropriação ? Historicamente, as análises feministas dominantes sobre as sociedades industriais afirmaram que o acesso a uma remuneração monetária (a entrada-mesmo que parcial no mercado de trabalho) era um avanço para as mulheres, pois permitia que elas ganhassem autonomia em relação à

instituição familiar , geralmente dominada por homens, desmitificando, ao mesmo tempo, o caráter supostamente natural, portanto gratuito , das atividades que lhes eram atribuídas. Alguns destes aspectos estão presentes do universo de pesquisa no qual trabalho.

A situação das mulheres não privilegiadas por sua posição de “raça” e de classe , as quais constituem a maioria da classe das mulheres e a parte dessa classe mais afetada pela globalização, deve ser colocada no centro desta análise . Tal situação é profundamente diferente daquela das mulheres mais privilegiadas- embora todas sejam oprimidas nas relações sociais.

Uma Narayan discute porque o setor informal é maior nas economias do Terceiro Mundo que no Primeiro e, nele, as mulheres têm a presença muito grande. Essa força do setor informal seria herança do desenvolvimento desigual pelo colonialismo. A urbanização no Terceiro Mundo foi acompanhado de um grande desemprego. A industrialização no Primeiro Mundo criou mais empregos do que o número de artesãos e camponeses que que ela arruinava. Na periferia, cria menos empregos do que a força de trabalho liberada do campo e das cidades. O mundo do Trabalho nos faz pensar sobre os desafios para a construção de equidade entre homens e mulheres, e as realidades enfrentadas de forma diferente nos mostram que as desigualdades e relações patriarcais continuam fortes em nossa sociedade.

Narayan tem uma preocupação com o entusiasmo quanto ao “empoderamento das mulheres do Terceiro Mundo via micro empreendimentos no setor informal”. E quanto aos supostos poderes do microcrédito. De repente, o espírito empreendedor de mulheres pobres nesses contextos é visto como resposta a seus problemas.

Se voltarmos essa discussão para as mulheres trabalhadoras da pesca temos várias questões pertinentes que precisam de estudos mais elaborados e aprofundados seja na questão de equidade de gênero, seja na temática da economia, ou na segurança previdenciária, questão que tem ultimamente gerado preocupação para as mulheres da pesca. Já que segundo as últimas modificações na reforma da previdência social, a mulher pescadora não tem como comprovar sua atividade, mesmo que ela tenha envolvimento com processos de pós ou pré- captura. Notamos ainda que apesar de terem crescido as pesquisas sobre gênero na pesca artesanal na última década, o mesmo não pode ser constatado para o caso das RESEX e os estudos de gênero e organização informal, conforme constado através de levantamento bibliográfico.

Por isso em um segundo momento deste artigo início uma discussão sobre

algumas questões sobre o processo de organização das mulheres pescadoras que formam atualmente a Rede de Mulheres Caeteuaras, organização informal que teve início com o projeto Pescando Autonomia do CPP- Conselho Pastoral dos Pescadores. Entender esse processo de organização também significa entender qual a conjuntura vigente no momento em que decidiram se fortalecer e quais os objetivos em comum que as movia.

Outras questões instigam o cerne dessa pesquisa, são elas: como elas respondem as exigências econômicas do mercado vigente ao mesmo tempo que respondem as exigências ambientais? Quais eram os valores e os objetivos dos apoiadores do Projeto? Como as mulheres lidam com os afazeres domésticos e o trabalho no grupo (REDE) ou ainda identificar como elas fazem a combinação entre demandas tradicionais decorrentes da divisão sexual do trabalho e as da participação em grupo. De certo que este artigo não será suficiente para esgotar todas estas perguntas, portanto estas dúvidas, dentre outras, serão tratadas na tese de doutorado.

Antes de tudo trago como aporte teórico o texto do Sociólogo Antônio Carlos Diegues, “Formas de organização da produção pesqueira no Brasil: alguns aspectos metodológicos”, onde o autor ressalta que por muito tempo o estudo dos pescadores e de sua produção foi marcado, no Brasil, por uma visão folclórica e idílica. O que era ressaltado era o modo de vida “pacato , indolente” ou de outro modo exalavam a coragem e os perigos enfrentados no mar. Segundo Diegues, 1983, “Em alguns casos se descreviam suas comunidades como entidades isoladas, alheias aos grandes processos econômicos, que marcaram a sociedade como um todo em seus vários ciclos econômicos”.

Autores como (Diegues, 1973; 1983) , Duarte (1978), Mello (1985) e Maldonado (1986) deram contribuições expressivas de trabalhos que mostrassem a necessidade de se integrar a produção pesqueira ao quadro da acumulação de capital e da divisão social do trabalho no Brasil e para combater , de certo modo, a falta de apoio à pesca artesanal.

Porém , Diegues chama atenção para a seguinte questão:

No entanto, a produção dos pescadores no Brasil, a relação entre essas populações humanas e seu meio-ambiente marinho e de águas interiores exigem um conhecimento mais sistemático e aprofundado. Esse conhecimento é ainda mais necessário no momento atual em que as comunidades de pescadores artesanais estão sob severa ameaça por causa da especulação imobiliária e

da degradação ambiental, provocada por um modelo econômico que exclui amplas camadas da população, sua cultura e suas formas de organização. Parafraseando Marx, a expansão capitalista sobre o espaço costeiro e marinho tem-se desenvolvido esgotando as duas fontes de onde jorra a riqueza: o mar e os trabalhadores. (DIEGUES, p.05, 1983)

No ano de 1990 a antropóloga Lourdes Furtado lançou um boletim sobre as características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará, segundo a pesquisadora a partir da década de 70, implantou-se, no Pará, o parque industrial pesqueiro sob a égide dos recursos oriundos da política de incentivos fiscais para a Amazônia. Assim a pesca industrial teve seu início em áreas de mar aberto em locais onde os pescadores artesanais dificilmente conseguiriam chegar por conta do tamanho de suas embarcações e da tecnologia que detinham no momento, que inviabilizariam viagens com longa distância. Houve então uma diversificação no Pará no que diz respeito ao setor pesqueiro, do ponto de vista técnico-social: de um lado o artesanal e, de outro, o industrial, ambos necessários para a economia do Estado e da região, porém, desigualmente aquinhoados no que tange a estímulos financeiros oficialmente definidos. (FURTADO, 1990, p. 02).

I- Análise da construção de um projeto de geração de renda e autonomia por mulheres em uma Reserva Extrativista Marinha no Pará

As Reservas Extrativistas (RESEX) são unidades de conservação genuinamente brasileiras e, dentre as demais categorias previstas no Sistema Brasileiro de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC, Lei Federal Nº. 9.985 de 2000), apresentam uma série de particularidades e diferenciais.

As RESEX representam áreas de domínio público com uso concedido às populações tradicionais extrativistas, são geridas por um Conselho Deliberativo, permitem o uso sustentável dos recursos naturais e a implantação de estruturas voltadas para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, e possuem Planos de Manejo onde são definidas as normas de uso, o zoneamento das áreas e os programas de sustentabilidade ambiental e socioeconômica, entre outros aspectos.

A Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçú é uma unidade de conservação brasileira de uso sustentável da natureza localizada no município de Bragança, estado do Pará. Foi criada em 20 maio de 2005 a Reserva Extrativista Marinha Caeté –Taperaçú . Sua área de entorno é caracterizada por regiões de terra firme onde a vegetação predominante é a capoeira entrecortada por igarapés rodeados por buritizais (arvore nativa), campos naturais alagados e grandes faixas de manguezais, tendo seu Plano de Manejo aprovado em dezembro de 2012 .

A RESEX Marinha de Caeté-Taperaçú está toda inserida no município de Bragança e possui uma área aproximada de 42.068,086 ha (afetando cerca de 20% da área total do município).

Como Bragantina e filha de Bragantinos, me interessei pela cultura e grupos que se organizavam na cidade em que nasci e que tinham o intuito de melhorar a vida da cidade. Sempre me perguntei , ao mesmo tempo, qual era o lugar que eu ocupava nessas discussões e de onde eu poderia contribuir, já que por vezes ocupamos diversos papéis sociais, em alguns momentos eu fui a agente Cáritas, a Secretária Municipal de Pesca e em outros a pesquisadora.

Foi na tentativa de conhecer esses movimentos e suas histórias que pude descobrir as inúmeras histórias, experiências e vivências que mostravam que a Amazônia em que vivemos é muito mais múltipla do que contam a maioria dos livros. Cada comunidade com suas particularidades e ao mesmo tempo com lutas em comum.

Por esse motivo acredito que hoje em dia não basta somente falar sobre a Amazônia, é preciso dizer que nós somos a Amazônia! Nós os pesquisadores, pescadores (as), quilombolas, estudantes, professores(as), os ativistas ambientais, os negros (as), dentre muitos outros povos, fazemos parte desse território .

Levando em consideração que as experiências das pessoas que estudamos são as que produzem conhecimento , a partir dos modos de ver e conceber o mundo , acho pertinente nesse momento descrever um pouco como foi a minha experiência até chegar no atual tema de pesquisa do doutorado em Antropologia.

Meu tema de dissertação de mestrado foi: SABER FAZER E PODER FAZER: construção social e política da RESEX caeté- Taperaçú, programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-UFPA-Bragança. O mesmo público que foi tema da minha pesquisa de dissertação (2013) foi durante os anos de 2006 até 2008 também tema de meu envolvimento enquanto agente voluntária da Cáritas Brasileira(organismo da Igreja Católica que cuida parte social da Igreja), durante esse período eu me aproximei da Associação dos Usuários da RESEX Caeté-Taperaçú- ASSUREMACATA, e assim me aproximei também dos pescadores (as) que mais participam das reuniões e decisões desta associação que representa todos os usuários cadastrados . Convivendo

quase que diariamente com este grupo pude perceber algumas aflições, dúvidas e impasses que os incomodavam, entres estes: a falta de habilidade com o computador, com documentos burocráticos, notas fiscais, prestação de contas, ou outras questões mais graves como: o não entendimento do termo resex, já que muitos pescadores, denominavam INCRA, RESEX, SEDE DA ASSUREMACATA como a mesma coisa. Foi então que decidi ir além do trabalho voluntário e do envolvimento enquanto ambientalista e pesquisar o que estava agitando esse território ao que se refere o processo de identificação dos pescadores artesanais e o lugar em que vivem. Após o término dessa etapa de pesquisa, e com um livro publicado e doado para a ASSUREMACATA , como uma das formas de retorno da pesquisa de mestrado, continuei acompanhando algumas ações e atividades que aconteciam na sede da ASSUREMACATA, mesmo que de forma menos constante. Durante esse período conheci o trabalho do CPP- Conselho Pastoral dos Pescadores voltado para as mulheres catadoras de caranguejo.



Figura FOTO-Formação de Mulheres Catadoras. Fonte:IRICINA AVIZ

Buscando melhor compreender as relações de gênero e seu comportamento vivenciado nas organizações, optou-se por nesse primeiro momento de pesquisa de campo realizar técnica de entrevista semi-diretiva, dando espaço para elas falarem sobre a experiência de organização. Também optou-se pela observação participante na comunidade da Vila do Treme, vila da cidade de Bragança, em alguns momentos de atividade da catação de caranguejo. A escolha deste método justifica-se por ser adequado neste momento entender qual o processo de organização do grupo que atualmente se denomina Rede Caeteuara a partir das vozes e experiências destas mulheres. Trago pro texto as conversas obtidas em campo de entrevistas feitas com duas pessoas que se configuram como atores importantes nesse processo, são elas : Iricina Aviz de Oliveira, assistente social e representante do CPP na região Bragantina e Dejanira, catadora de caranguejo da comunidade do Rio Grande, esta última é umas das lideranças do rede de mulheres Caeteuaras e uma das catadoras mais eloquentes do grupo.

Utilizarei a transcrição das entrevistas para preservar os relatos da conversa e possibilitar ao leitor a interação e interpretação das narrativas.

Início a entrevista perguntando para Iricina-CPP : Como começou o Projeto Pescando Autonomia ?

Iricina: *“Com a atuação do Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), em algumas comunidades pesqueiras de Bragança, percebeu-se que havia um grupo considerado de mulheres na Vila do Treme, em que a renda financeira da maioria delas era extraída diretamente da atividade pesqueira da extração da massa do caranguejo-uçá, e que elas não eram a dona da massa, apenas vendiam sua força de trabalho. Através de muitas reuniões na comunidade, surgiu a necessidade de melhorar a renda financeira dessas famílias, houve necessidade de uma capacitação profissional voltada para fortalecer a identidade profissional de pescador/a artesanal. E ao mesmo agregar valores á massa do caranguejo, foi então feito um projeto que viesse contribuir com a autonomia das pescadoras onde o CPP junto á comunidade num processo participativo elegeu o nome do projeto “pescando autonomia”.”*

Patrícia: E quais atores estavam envolvidos?

Iricina-CPP: *“Mulheres pescadoras/ marisqueiras, crianças e adolescentes filhos das participantes, pescador no apoio, comunidade escolar, Igreja Católica e Evangélica,*

SENAI, Feira do Agricultor, Conselho Pastoral dos Pescadores e Banco da Amazônia, Adepará, Vigilância Sanitária..”

Patrícia: Quais eram os valores e objetivos dos apoiadores ?

Iricina-CPP: *“Favorecer às mulheres pescadoras reflexão da importância de sua identidade pesqueira.*

E também a intencionalidade de fortalecer a autonomia das mulheres trabalhadoras da pesca da região Bragantina, auxiliando na adequação às normas legais e, favorecendo mecanismos para a valorização e comercialização da produção.”

Patrícia: Quando foi formado, houve algum motivo específico, algum evento, uma conjuntura?

Iricina-CPP: *Possibilitar intercâmbio entre pescadoras/marisqueiras entre as comunidades; Treme, Caratateua e Rio Grande.*

Contribuir no processo de auto-organização e fortalecimento do grupo de produção;

Auxiliar na orientação e na adequação do grupo de pescadoras/marisqueiras às normas legais, priorizando as concepções da economia solidária; Colaborar no desenvolvimento de alternativas na região para o combate ao grave problema da poluição por resíduos de Caranguejo e realizar a 1ª Feira de Rede de Mulheres Caeteuaras em Bragança na feira do agricultor.

Em um segundo momento em pesquisa de campo, conversei com Dejanira, em sua própria casa, em um breve momento de pausa de seus afazeres domésticos e do trabalho de catação do caranguejo.

Patrícia: o que te motivou para participar do projeto?

Dejanira: *“Primeiro motivo era melhorar a renda/economia financeira mesmo. Depois receber apoio. A gente queria fortalecer a categoria também, queria que o preço da venda da força de trabalho fosse justa.....Outra coisa criação de um espaço físico para melhorar e valorizar a massa do caranguejo....E um Sonho de ter a Casa da Pescadora.”*

Patrícia: Qual a necessidade que levou a organização das mulheres?

Dejanira: *Ausência de políticas públicas voltadas para essa categoria e muitas mulheres vivem especificamente da extração da massa do caranguejo, mas o pagamento por quilo é de baixo valor...Agrega valor á massa do caranguejo.....Dar visibilidade da mulher na pesca e possibilitar alternativas para que as pescadoras/marisqueiras da região pudessem sair da ilegalidade*

São várias as análises e interpretações que podem ser feitas dessas entrevistas e que não dão conta de serem feitas neste espaço, mas algo que chama a minha atenção enquanto pesquisadora e que justifica a pesquisa a importância desta pesquisa de doutorado é a forma de resistência que se criou através da Rede de mulheres Caeteuaras. Resistência contra o mercado que não inclui e que conseqüentemente não é justo, contra a desigualdade de gênero, contra a dificuldade financeira e na luta por melhores condições de trabalho.

Outra informação que merece ser destacada é que durante o diagnóstico do projeto Pescando Autonomia, percebeu-se que a maioria das mulheres que trabalhavam na catação do caranguejo, senão todas elas, não eram “donas da massa apenas vendiam a sua força de trabalho”, ou seja, elas dependiam de um atravessador para que trouxesse o caranguejo até elas e elas fizessem a catação, diminuindo assim o valor do seu trabalho. Este ainda é um dos pontos principais que o projeto atua e que merece ser feita uma pesquisa mais aprofundada para ver a situação atual dessa problemática.

Durante a observação participante na Comunidade da Vila do Treme, algumas falas demonstram que para participar das reuniões de formação do grupo de mulheres, algumas pescadoras relataram que precisaram acordar mais cedo e “adiantar o trabalho de casa”. Este é um dilema enfrentado por muitas mulheres quando decidem participar de um processo de organização social, ou geração de renda, formal ou informal. A delegação das atividades domésticas recai em sua maioria, sobre a mulher, seja total ou parcial.

Em nome da autonomia das mulheres, defendeu-se que o acesso à remuneração monetária corresponderia a um avanço. No entanto, embora as últimas décadas evidenciem que houve mudanças, pesquisas demonstram que não temos muito a comemorar. Dados atuais nos revelam que as mulheres são majoritárias a exercer o trabalho do cuidado. Como explicar, por exemplo que as mulheres permanecem ampla maioria (92,6%) no trabalho doméstico remunerado no Brasil? E nessa ocupação o percentual de mulheres negras segue maior.

Considerações Finais

Mesmo com avanços significativos, as mulheres ainda são excluídas das decisões em muitas nas organizações sociais (formais e informais), porque a cultura prevalecente tende a seguir a lógica do interesse próprio, dentro de um padrão patriarcal. Por outro

lado, há o longo processo histórico que sustenta a necessidade de diferenciação entre gêneros para manter uma relação de poder e hierarquia.

As componentes da Rede de Mulheres Caeteuaras enfrentaram situações de conflito no início de seu processo de organização. Os relatos evidenciam que os “patrões” de então (compradores do produto) procuravam desmobilizar as reuniões e encontros do grupo. Por exemplo, passavam nas casas das mulheres para dizer que o projeto não iria dar certo e que elas iriam ficar sem renda alguma e que, portanto, não deveriam participar. Sabemos que essa estratégia utilizada desmobilizadora não é algo específico de uma região ou mesmo desta época em que vivemos. A força de trabalho feminina foi ao longo do tempo utilizada pelo capitalismo, tanto em sua expansão inicial, quanto em situações específicas, com a finalidade básica de baixar custos, tendo em vista a mística de que a mulher, por suas características peculiares, propicia “naturalmente” a “criação de mais valia absoluta”. Não fosse a reação da sociedade, o empresariado teria utilizado de forma exacerbada e vantajosa a força de trabalho da mulher menos organizada coletivamente e, muitas vezes, dispersa nas formas de trabalho a domicílio a serviço de contratadores, em diversos ramos de atividade.

Este artigo apresenta resultados iniciais de uma caminhada de pesquisa. Para isto será necessário ter clareza dos elementos de desenvolvimento sustentável na perspectiva de gênero, já que estamos falando do território de uma reserva extrativista e da também das pressões que sofrem as mulheres para garantir sua produção e sua própria renda em contextos desfavoráveis.

Atualizar a agenda sobre as relações de trabalho tem sido uma preocupação deve ser uma preocupação constante um interesse que vai além das pesquisas acadêmicas, afinal o mundo do trabalho não é só um campo de conhecimento, mas também caminho fundamental para mudar as desigualdades entre homens e mulheres.

Isso porque o processo emancipatório só pode existir se for desenvolvido simultaneamente no âmbito coletivo e no individual. E se esse processo, no caso das mulheres, conseguir conjugar consciência de gênero, consciência de classe e de raça.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antonio Carlos Diegues e Virgílio M. Viana (orgs.). 2ª edição - São Paulo: Hucitec: NUPAUB-USP: CEC, 2004. Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum

DIEGUES, Antônio Carlos .“Formas de organização da produção pesqueira no Brasil: alguns aspectos metodológicos”, Publicado originalmente em Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar, Ática, 1983.

FURTADO, Lourdes. CARACTERÍSTICAS GERAIS E PROBLEMAS DA PESCA AMAZÔNICA NO PARÁ . Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Antropologia, v.6, 1990. n.1: 41-93.

FALQUET, Jules. Transformações neoliberais do Trabalho das mulheres: liberação ou novas formas de apropriação? Gênero e trabalho no Brasil e na França; perspectivas interseccionais. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.

Gianpaolo Knoller Adomilli MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 16, p. 97-119, jul./dez. 2000.

HIRATA, Helena. O cuidado em domicílio na França e no Brasil. Gênero e trabalho no Brasil e na França; perspectivas interseccionais. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.

KERGOT, Daniele. O Cuidado e a Imbricação das relações sociais. Gênero e trabalho no Brasil e na França; perspectivas interseccionais. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.

MALDONADO . Simone C. NO MAR: CONHECIMENTO E PRODUÇÃO - In DIEGUES, A. (ed) Imagem das Águas. Hucitec/Nupaub, São Paulo. 2000.

NARAYAN ,Uma. COLONIALISM, GENDER, INFORMAL SECTOR WORK AND ISSUES OF SOCIAL JUSTICE. Vassar College (U.S.A. Anales de la Cátedra Francisco Suárez, 39 (2005), 351-362.